

Amorosidade Interassistencial: Prática Pedagógica e Autopesquisa da Maturidade Consciencial

Interassistential Loveliness: Pedagogical Practice and Self-research on
Consciencial Maturity

Amorosidad Interasistencial: Práctica Pedagógica y Autoinvestigación de la
Madurez Conciencial

Cilene Gomes

Docente-Pesquisadora de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Arquiteta-Urbanista. Mestrado e Doutorado em Geografia Humana. Voluntária da Evolucion (2013) e da Reaprendentia (2015). Integrante dos Colégios Invisíveis de Parapolitologia, Ressomatologia e Reeduaciologia.

cilenegomes2011@gmail.com

Saulo de Oliva

Graduação em Medicina e Psicologia. Pós-graduação em Psiquiatria. Voluntário em Psiquiatria no Centro Espírita Cavaleiros da Luz. Integrante do Colégio Invisível da Reeduaciologia.

saulo.oliva@hotmail.com

Resumo. O artigo investiga as acepções da amorosidade interassistencial cosmoética, correlacionando-as à prática pedagógica e à autopesquisa dos autores. Discutem-se as contribuições evolutivas propiciadas pelo caráter consciencial abnegado, e são apontados os desafios à plena expressão da amorosidade interassistencial. A metodologia utilizada foi o estudo da filmografia selecionada e pesquisas bibliográficas relacionadas ao tema. A autorreflexão suscitada pelo trabalho oferece bases para o alinhamento das ações pedagógicas e interassistenciais aos propósitos pró-evolutivos pautados na cosmoeticidade e holomaturidade.

Palavras-chave: abnegação, amorosidade, interassistencialidade, maturidade consciencial, prática pedagógica.

Abstract. The article explores the meanings of interassistential cosmoethic tenderness, correlating pedagogical practice and the authors' self-research. It discusses the evolutionary contributions brought about by the altruistic consciencial character, as well as the challenges to the whole expression of the interassistential tenderness. The methodology comprises the study of selected filmography and bibliographic research referring to the theme. Self-reflection raised by the study grounds the alignment of pedagogical and interassistential actions to pro-evolutionary purposes based on cosmoethicity and holomaturity.

Keywords: abnegation, consciencial maturity, interassistentiality, pedagogical practice, tenderness.

Resumen. El artículo investiga las acepciones de la amorosidad interasistencial cosmoética, haciendo correlación con la práctica pedagógica y a la autoinvestigación de los autores. Se discuten las contribuciones evolutivas proporcionadas por el carácter concienzoso abnegado, y son apuntados los desafíos de la expresión completa de la amorosidad interasistencial. La metodología utilizada fue el estudio de la filmografía seleccionada e investigaciones bibliográficas relacionadas al tema. La autorreflexión planteada por el trabajo ofrece bases para el alineamiento de las acciones pedagógicas e interasistenciales a los propósitos pro evolutivos pautados en la cosmoeticidad y holomadurez.

Palabras clave: abnegación, amorosidad, interasistencialidad, madurez concienzosa, práctica pedagógica.

INTRODUÇÃO

Oportunidade. Motivou este artigo o estudo de Educadores Históricos, atividade inaugural do Colégio Invisível de Reeducação. A 8ª Semana de Serenologia ensinou desenvolver o conhecimento sobre o paradigma consciencial e as relações entre especialidades, aplicando-o à ressignificação das concepções pedagógicas previamente estudadas e à autopesquisa.

Contexto. Nesse espírito, a escolha consensada do tema desafiava à autorreflexão sobre a abnegação cosmoética, no contexto de estudo das relações com a Serenologia, a Parapedagogia e a Reeducação.

Campos. As pesquisas logo convergiram para as chaves de leitura da abnegação cosmoética abrindo-se à interassistência e holomaturidade, pois abnegação, aprimorada pelos princípios cosmoéticos, qualifica o caráter consciencial engajado em relações interassistenciais diversas, podendo balizar a maturidade e/ou serenidade do assistente e da assistência.

Delimitação. O artigo explora acepções da abnegação cosmoética com foco na prática pedagógica e autopesquisa dos autores.

Recursos. A metodologia exploratória e compreensiva apoia-se em referências conscienciológicas, bibliografia referente aos Educadores Históricos e filmografia selecionada para estudos de práticas pedagógicas e, no âmbito da autopesquisa, em técnicas de reflexão mnemônica identificando enfrentamentos e superações.

Seções. O artigo estrutura-se em 3 seções, trazendo, na primeira, o desenvolvimento da compreensão da abnegação interassistencial mobilizada pela amorosidade confiável ou empática; na segunda seção, a perspectiva da amorosidade no exemplarismo de práticas pedagógicas; e na terceira, visando refletir sobre o aprimoramento do caráter abnegado, aponta trajetórias e desafios à mais plena expressão da amorosidade interassistencial.

I - AMOROSIDADE INTERASSISTENCIAL

Abnegação. A abnegação interassistencial é o ato sincero de doação para o próximo, buscando ajudá-lo. O auxílio pode seguir inter-relações distintas. As consciências intrafísicas relacionadas podem se entrelaçar, sendo possível essa mesma atitude de interapoio entre consciências extrafísicas. O viés multidimensional comparece nas inter-relações, considerando o contato fraterno entre consciências intra e extrafísicas.

Altruísmo. A abnegação envolve doar o melhor de si para o outro sem esperar retorno proporcional nem almejar qualquer gratificação. O amor desinteressado é a atitude esperada de toda consciência que se propõe interassistir. A conscin ou consciex doadora se felicita pela ação amorosa em si: o sentimento amoroso é completo e não dependente de reciprocidade.

Gratidão. O amor ao realizar-se traz bem-estar, gratidão interior por ter servido a propósito nobre, sabendo que seu máximo potencial está sendo bem aplicado.

Afeição. O amor gera vínculo e afeição. A consciência, alvo da investida interassistencial, se sente bem acolhida ao receber gratuitamente o amor de outrem. Algumas poderão guardar o sentimento para si, outras poderão compartilhá-lo. Ressalte-se aqui a força contagiosa evocada pela presença amorosa, destacando-se pelo não reconhecimento de limites para sua máxima expressão e pelo acolhimento de necessidades específicas e individuais.

Singularidade. A interassistência acolhe demandas emocionais e energéticas expostas pelo assistido. Cada interajuda é singular e, como tal, deve ser adaptada às necessidades do indivíduo. O assistente, longe de pensar deter fórmula geral que consegue suprir todas as solicitações requeridas pelo público diverso de assistidos, reconhece ainda existirem conceitos que precisarão ser trabalhados em si para qualificar a interassistência e entender com profundidade o outro. Parte da premissa de que muitas condutas que visa estabelecer serão suscitadas ao encontrar o assistido; faz-se necessário que “conheça todas as teorias, domine todas as práticas, mas ao tocar uma alma humana seja apenas outra alma humana” (JUNG, 1928, p. 361). O auxílio ao próximo é espaço aberto, reformulado segundo necessidades individuais. O interassistente se prepara para encontrar o outro livrando-se de preconceitos, estruturando ambiente confortável à livre expressão.

Autodiscernimento. A atmosfera empática é facilitada pela interconfiança, evidenciando os conteúdos. Sem preparo emocional, mental e energético do assistente, a provável contratransferência poderá desestruturá-lo, causando para si desequilíbrio intraconsciencial. Busca-se então percepção clara, distinguindo conteúdos próprios de eventuais resíduos patopensênicos do assistido.

Autocuidado. Abnegação não se traduz na ideia de identificação pessoal com o problema de outrem, a conseqüente assimilação patológica contida na história relatada e emocionalismo exacerbado oriundo do diálogo. Abnegação evidencia o sentimento terno de se colocar no lugar do outro, mas certificando-se de preservar a si no ato interassistencial. A qualificação do apoio oferecido requer a harmonia da consciência doadora, mobilizadora de fluidos homeostáticos e consolidadora do epicentrismo consciencial.

Esmero. A consciência abnegada, ao manifestar amor por seu semelhante, dirige-se em primeira instância a si mesma. A autovisão positiva, o esmero em relação ao próprio cuidado, o olhar complacente e amigo direcionado a si e o autoaperfeiçoamento contínuo são dínamos da experiência amorosa. Antes de desejar externar a amorosidade na comunidade, convence-se de que o amor converge, a princípio, intraconsciencialmente, distribuindo-se naturalmente às pessoas em contato com este sentimento.

Amorosidade. A consciência abnegada vivencia o amor em seus atos. Logo, o amor se torna seu real estado de ser. Incorpora a amorosidade no seu padrão de conduta e passa a enxergar o mundo à volta a partir desse olhar sensível. A delicadeza no trato não é mais percebida por esta consciência como esforço, pois se torna seu modo natural de agir. A sua presença se reveste de notabilidade porque os conteúdos que visa compartilhar ecoam sob perspectiva exemplarista cosmoética. A força presencial evocada por sua atitude amorosa a predispõe a ser solicitada interassistencialmente e reconhecida enquanto consciência atratora.

Exemplarismo. O exemplarismo cosmoético atestado por seus atos atrai companhias intra e extrafísicas que variam desde as que apresentam carências afetivas e a procuram para se renovarem energeticamente com sua presença, como também granjeia a consciência exemplarista a simpatia das consciências afins que se unem a ela sinergicamente para propósitos semelhantes.

Amparo. A consciência abnegada que embasa suas vivências em preceitos cosmoéticos recebe apoio extrafísico durante sua jornada intrafísica. Visto que se doa interassistencialmente para fomentar a evolução alheia, o amparo impele sua própria evolução. Maior cobertura assistencial favorece a execução da programação existencial planejada pela conscin no período pré-ressomático.

Facilitadores. A consolidação do completismo existencial da conscin amorosa é, assim, facilitada pelos seguintes fatores, expostos em ordem alfabética:

1. **Autodesassédio.** A atitude alegre e otimista potencia autotrafores, recobrando-os com amorosidade e superação de autotrafores, pois a conscin se empenha em corrigi-los sem autocrítica destruidora que visa, apenas, o julgamento atroz contra si que não amplia nem propõe possibilidades de autoenfrentamento em vista da resolução de problemas.

2. **Cosmoeticidade.** O sentimento terno revelado na convivência social ratifica a aplicação do ideal cosmoético, aliando-se em termos de padrão de conduta ao megafoco prioritário universalista.

3. **Gescon.** O desejo de compartilhamento de obras que contemplam conteúdos cosmoéticos reflete a amorosidade perante as necessidades evolutivas alheias e a vontade sincera de cooperar com o progresso da Humanidade.

4. **Heterodesassédio.** Os pensenes sadios e homeostáticos alavancados pela atitude abnegada e fraterna reduzem a pressão assediadora e colaboram para seu gradual afastamento, considerando a dessemelhança, dessintonia e disparidade de interesses entre a ação altruísta praticada pela conscin exemplarista e os atos anticosmoéticos dos assediadores. Soma-se ao autoesforço evolutivo desassediador a força presencial amparadora abrindo caminhos sob perspectiva de blindagem energética, reforço holopensênico pacificador, captação e transmissão de neossinapses bicerebrais.

5. **Interassistencialidade.** A interassistência dinamiza a experiência evolutiva, pois a solidariedade entremeadada nas inter-relações conscienciais propicia desenvolver autovisão maxifraterna, usando inteligência evolutiva para exemplarismo cosmoético e a efetivação de recins e recéis individuais e grupais.

6. **Multidimensionalidade.** A vivência generosa e beneficente asserena a conscin, abrandando emoções reativas e, conseqüentemente, viabilizando aprofundar experiências parapsíquicas pessoais ou patrocinadas pelos amparadores.

II - AMOROSIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Para refletir sobre a aplicação da abnegação e da amorosidade interassistencial na prática pedagógica, 2 filmes selecionados apoiam esta reflexão, junto a referências de educadores estudados.

Além da sala de aula

Convite. O filme norte-americano “Além da Sala de Aula” (2011) retrata a história da professora Stacey Bass. Stacey, recém-formada, no auge dos seus 24 anos, é convidada para lecionar em escola que funciona, ao mesmo tempo, como abrigo para pessoas sem-teto. A docente, exultante por ter recebido a primeira proposta de emprego, não demora para iniciar o planejamento pedagógico que pretende implementar no novo espaço escolar. Mas, ao adentrar a sala de aula, encontra realidade estarrecedora que se reflete na inexistência de livros, indisponibilidade de lanche aos alunos e ausência de materiais didáticos e carteiras apropriadas.

Indisciplina. A sala se caracterizava por ser mista, composta de crianças de diferentes idades. Observa-se, simultaneamente, a indisciplina e confronto dos alunos perante a figura do professor. Este comportamento opositor presenciado não era injustificável, contudo, se devia ao sentimento de abandono que carregavam consigo devido às experiências familiares negligentes e preconceitos vivenciados em razão da situação de pobreza, somado ao fato de terem se frustrado com o apego aos antigos professores que lecionaram na escola e solicitaram, em seguida, demissão por não tolerarem a precariedade da estrutura escolar a que estavam expostos.

Benevolência. O amor interassistencial se faz notório nas ações da docente quando mobiliza recursos financeiros próprios para tornar a sala de aula ambiente digno de aprendizagem a seus alunos. Tal atitude valoriza a vivência do aluno e professor – então, o espaço educativo não é visto como inalterável. Ao contrário, constitui campo aberto a práticas construtivas contínuas, consolidando a experiência de ensino e aprendizagem.

Liberdade. Stacey considera extremamente ativos seus alunos, distanciando-se da visão em que são encarados tal qual lousa limpa, onde os professores depositam informações. Crianças trazem conhecimentos e manifestam individualmente seus interesses, a partir das ideias inatas. O ato educacional deve, portanto, oferecer espaço para o aluno manifestar seus pensamentos e sentimentos, e o professor, nesse contexto, intermedeia o processo educacional e propicia condições para as crianças desenvolverem suas tendências naturais.

Crescimento. A aprendizagem pedagógica observada contempla a resolução de problemas: o estudante é instigado a enfrentar os desafios propostos e conseqüentemente assimila o aprendizado, formando sinapses cerebrais. O próprio nome do filme “Além da Sala de Aula” sugere que as lições aprendidas não se resumem a serem aplicadas na sala, motivando o aluno a propagar os saberes em diferentes contextos existenciais e aproveitar cada vivência, buscando crescimento pessoal e contribuição grupal. Assim, o ato educacional prepara o ser humano para a vida.

Confiança. Em certo momento do filme, Stacey, visando manter a ordem durante o ensino, eleva a voz e manifesta sua indignação perante o comportamento agitado das crianças. Posteriormente, ao ser criado círculo de diálogo com a classe, a docente desculpa-se. As escolas tradicionais que valorizavam a supremacia do professor sobre o aluno poderiam interpretar o ato de Stacey como inadequado, mas o despojamento da professora, aliado a outras virtudes, como respeito, dedicação e gentileza, cativaram a confiança dos seus alunos. A docente está convencida de que a autoridade natural não imposta é indispensável para auxiliar os jovens na formação da sua consciência, hábitos, inclinações e temperamento (STEINER, 1907, p. 8).

Respeito. A partir de relação mútua de confiança, Stacey se aproxima do núcleo de vivências e experiências compartilhadas pelos seus alunos. Considerando os aprendizados obtidos, a professora constrói o modelo educacional que visa ministrar no ambiente de trabalho. A metodologia a ser administrada, desta maneira adequa-se ao modo de ser e de estar da criança no Mundo, embasada na sua realidade de vida e sob o molde dos seus referenciais.

Empatia. A amorosidade, assim, revela-se na sua máxima expressão ao autenticar que o entendimento do outro é adquirido ao se colocar no lugar dele, desenvolvendo-se a empatia na relação de cuidado e de esforço do reconhecimento das suas necessidades.

Alegria. A alegria de Stacey ao lecionar as disciplinas contagia seus pupilos, despertando neles o desejo de assimilação do aprendizado. As crianças são sensíveis em relação à capacidade perceptiva e, facilmente, notam quando há desinteresse ou falta de entusiasmo do docente ao transmitir conteúdo, minando a vontade e curiosidade do estudante em aprofundar seus estudos em torno da vivência

evocada pelo professor. Novamente, destaca-se o papel da amorosidade na consolidação de aprendizado rico, marcando as experiências de vida do indivíduo para além do contexto de sala de aula, incitando-o ao estudo de novos campos do conhecimento ao longo da sua vida.

Educador. O filme “Além da Sala de Aula” apresenta relevante discussão sobre a experiência educativa, contribuindo para reflexões acerca do papel democrático e participativo assumido pela criança nesse contexto, como também para a análise crítica do papel do educador frente às demandas escolares exigidas, cabendo-lhe discernimento e sensibilidade de escolha do método pedagógico que melhor satisfaça as necessidades dos seus alunos.

Integralidade. Independentemente da metodologia, a amorosidade interassistencial deverá estar inclusa no conjunto de ações do educador, modelando, a todo instante, sua relação com os educandos. A amorosidade visa não somente transmitir conteúdo para formação intelectual, mas, sobretudo, preocupa-se, verdadeiramente, com o ser que se propõe ao aprendizado. Capta, portanto, a esfera subjetiva do indivíduo, não medindo esforços para promover seu crescimento moral e formação de caráter pautada na assunção de valores cosmoéticos.

Maria Montessori: Uma vida dedicada às crianças

Renovação. Maria Montessori (1870-1952), a primeira médica italiana (1896), a segunda europeia, torna-se educadora, cujas ideias e experiências se propagaram em diversos países, e cujo reconhecimento a insere no contexto da Educação Nova, ou Escola Nova, movimento de renovação do ensino desenvolvido na Europa, América e no Brasil, na primeira década do século XX.

Experiência. Trabalhando na condição de assistente na clínica psiquiátrica da Universidade de Roma com crianças com retardos mentais, contrária ao tratamento dado a essas crianças, consideradas incapazes de aprender, enxergou a dimensão pedagógica do tratamento psiquiátrico a partir do estudo da Medicina, e então passou a estudar e se dedicar à educação e pedagogia.

Personalidade. O filme *Uma vida dedicada às crianças* retrata a vida e o trabalho de Maria Montessori, iniciando com sua entrada na Universidade e mostrando a trajetória de educadora e pedagoga, entremeada aos traços da personalidade forte e vida pessoal marcada por grandes desafios à sua condição de mulher à frente de seu tempo.

Maternidade. Nesse contexto de sua história, a vocação de educadora e pedagoga revela-se desde o curso de Medicina e se conjuga ao conflito de ser mãe solteira (após relacionamento com um professor da universidade que não a assume) impedida, todavia, de exercer a maternidade e educar o próprio filho, pelos convencionalismos e preconceitos da época.

Abnegação. Delineado o núcleo experiencial de sua vida, o filme passa a ressaltar a capacidade de sobrepairamento e autodeterminação ante circunstâncias a ela desfavoráveis e sua abnegação e amorosidade interassistenciais.

Revelação. Esses atributos de seu caráter e atitudes são observáveis em algumas situações principais retratadas pelo filme. O primeiro ato de abnegação cosmoética foi a renúncia de si própria, ao aceitar a condição de mãe solteira imposta pelo professor, pai de seu filho, influenciado por sua mãe, sobretudo para não prejudicar a reputação dele (a quem Maria amava) se o caso fosse trazido ao conhecimento da Sociedade.

Dor. Embora a revelação pudesse prejudicá-la na carreira, família e condição social de mulher, aceitou também, com imenso sofrimento e dor, não fazer escândalos quando o pai da criança dá o nome ao filho, tira-o de Maria e entrega-o a casal de empregados para que o criassem.

Cosmoética. Mais uma vez renunciando a si própria, ao considerar o melhor para todos, obteve o consentimento do pai para visitar o filho na condição de médica, situação que facultou a Maria o direito de acompanhar periodicamente o crescimento do filho e, principalmente, de demonstrar-lhe amor.

Autodeterminação. Em meio à complexidade da situação - pessoal, familiar e social - Maria prossegue seu trabalho com crianças, estudando problemas educativos e pedagógicos e integrando novas experiências educativas. O envolvimento direto, na *Scuola Magistrale Ortofrenica*, com crianças deficientes e retardadas mentais, e depois, no bairro romano San Lorenzo, na *Casa dei Bambini*, com crianças pobres, contribuiu para salvá-las da rua pelo cuidado e educação mudando seu quadro de vida e da sua família (RÖHRS, 2010).

Entrega. Nessas experiências e em outras, abnegada a serviço das crianças e, por meio delas, em nome da causa da Humanidade pela experiência educativa, Maria Montessori revelou sua amorosidade interassistencial reflexiva no trabalho incessante de aperfeiçoamento de seu método e formação dos adultos preparados para a tarefa educativa segundo sua concepção.

Observação. Admitindo a necessidade de preparação espiritual do professor, Montessori professava ciência da observação com foco na criança. A abnegação do professor estava em deixar o centro do processo educativo e atuar na observação científica com emprego da intuição para descobrir necessidades e possibilidades de facultar às crianças o aprendizado necessário (RÖHRS, 2010, p. 23).

Professor. No lugar de ensinar pela palavra e admoestação, o professor precisaria aprender o silêncio; “no lugar de se revestir de uma dignidade orgulhosa que quer parecer infalível, se revestir de humildade” (MONTESSORI, 1976, p. 123, *apud* RÖHRS, 2010, p. 24).

Preparo. Montessori, abnegada e amorosa, considerava ser o professor (com amplitude de visão), mais um intérprete do processo educativo, e sua ação seria bem-sucedida se, afora abertura e sensibilidade, encantamento diante da vida e seus mistérios (RÖHRS, 2010, p. 25), o professor manifestasse preparo interior pelo autoexame constante, desimpedimento mental para compreender as crianças e a infância, com modéstia intelectual (MONTESSORI, s.d., p. 154 e 163).

Verdade. Se esses atributos compõem a abnegação cosmoética, sua expressão máxima revela-se, para Montessori, na renúncia do que agrada ao ser humano e ao professor, renúncia da própria comodidade, para aprender a verdadeira amorosidade que se expressa a partir do impulso vital que age dentro das crianças em todos os atos de observação do mundo e criação de sua própria existência (MONTESSORI, s.d., p. 115-117).

III - AUTOPESQUISA E APRIMORAMENTO DO CARÁTER CONSCIENCIAL ABNEGADO

Autopesquisas. Pelo entendimento da abnegação cosmoética, na aceção de amorosidade interassistencial e de sua aplicação na prática pedagógica, circunstanciada pelo exemplarismo da professora Stacey e da pedagogia de Maria Montessori, este tópico adentra o universo da autopesquisa dos autores refletindo sobre a trajetória de superações e/ou imaturidades rumo à qualificação da disposição abnegada pela expressão da amorosidade.

Trajetória agregadora de amorosidade na interassistência

Autoposicionamento. A amorosidade interassistencial se agrega ao modo de ser do indivíduo em processo contínuo e laborioso, ressaltando atributos como empatia perante as necessidades alheias, flexibilidade autopensênica, coragem e autoesforço evolutivo. Portanto, compreende-se o autoposicio-

namento amoroso como escolha evolutiva mais acertada ou menos, a depender do megafoco prioritário definido, disponibilidade para reciclagens intraconscienciais e existenciais e experiências evolutivas prévias reforçadoras da amorosidade ao longo das múltiplas existências.

Amor. A consciência que ama, genuinamente, o ser humano, eleva a extensão do seu amor e alcança a capacidade de amar a Humanidade. Em decorrência disso, “nossos esforços devem conduzir a uma grande luz, uma grande verdade para todos, uma grande chama de amor, uma grande paz universal” (COMENIUS, 1966, p. 500).

Egoísmo. Percebe-se que o exercício deficitário do amor revela egoísmo. Amar o semelhante significa vê-lo pela excelência do seu caráter, ou seja, por suas virtudes. Logo, a causa final do querer é apenas o outro e seu bem-estar, não o utilizando como meio para objetivo pessoal. Vincular consciência à outra unicamente pelo prazer que a mesma lhe proporciona ou por se demonstrar útil na realização dos seus interesses, não configura amor.

Reconhecimento. O amor genuíno não conhece limites e não busca o semelhante para preencher carências. Reconhece o outro enquanto ser independente, único nas suas expressões de pensamento, e não o instrumentaliza para atender interesses pessoais.

Desafios. O tema sugere autorreflexão sobre a presença da amorosidade nas relações. Será que a conscin está convencida da autorresponsabilidade no cuidado do semelhante? Certifica-se de somar, na vida das pessoas de que participa? Encara o outro não como meio para realização dos seus objetivos, mas como fim, em si, autônomo e digno de reconhecimento das virtudes inerentes ao seu próprio ser? A discussão suscitada demonstra que o desafio implicado na autossuperação do egoísmo reside na capacidade da conscin de elevar a sua capacidade de amar.

Abnegação e holomaturidade: superações à interassistência serena

Maturação. A autopesquisa da maturidade consciencial ganha com a identificação de impedimentos à qualificação da intraconsciencialidade pelo atributo da *abnegação cosmoética*, abordada aqui pela livre expressão da amorosidade interassistencial.

Holopensividade. Tais obstáculos holopensênicos e suas manifestações podem ser observados por ações, atitudes e comportamentos.

Renúncia. A premissa aqui adotada é a de que a *autabnegação cosmoética* (VIEIRA, 2018) revela-se pela disposição consciencial, a capacidade de renunciar a si mesmo e autocentrar-se no outro (ROGICK, 2016), nas demandas interassistenciais variáveis apresentadas segundo o momento e contexto existencial multidimensional do outro.

Tranquilidade. Esse estado de renúncia de si e autocentramento no outro cria tranquilidade íntima, ensejando a desejada atenção plena ao outro, a energia empática, a manifestação de amorosidade.

Autoexame. Para isso, imaturidades devem ser reconhecidas, enfrentadas e superadas, propiciando ganhos evolutivos em experiências de serenidade.

Questões. É preciso então indagar: o que deixar em nós para abraçar a necessidade do outro? Quais os desafios prioritários às recins da autora? Quais os meios de regulação do equilíbrio dinâmico entre os movimentos de nutrição da intraconsciencialidade e interassistencialidade?

Dissolução. Por hipótese, os desafios à dissolução do egoísmo, da rigidez intraconsciencial (pensênica) e da autossegregação poderão conduzir o processo de reciclagens ao estado íntimo de celebração da origem e finalidade de todas as consciências e do trabalho evolutivo comum.

Diálogo. Poderá gerar a força vital da relação dialógica cosmoética, dispor-se plenamente à observação e compreensão íntima do outro e encontrar as formas de esclarecimento e *comunicação evolutiva* (SENO, 2013) condizentes com as demandas assistenciais trazidas pelo outro.

Desapego. Dissolve-se o egoísmo desapegando-se dos próprios interesses, vontades, inclinações antievolutivas, não prioritárias à autoevolução consciencial. Pois essa obstinação cria estruturas pensênicas inflexíveis, intolerantes e sectárias, alimentando o impulso à separação, ao isolamento, à autossegregação.

Alinhamento. Mas como desfazer esse apego - arremedo de amor - senão por alinhamento íntimo dos atos individuais a uma essência comum, ao princípio e à energia da evolução?

Disponibilidade. Esse encontro aberto com alguém além de nós, algo maior que nós, ao contrário de anular a consciencialidade singular, a acentua sob o influxo animador da doação de si mesmo ao outro. Quanto mais sincronia com os movimentos pró-evolutivos multidimensionais, mais amadurecimento intraconsciencial, mais irradiação de abnegação e amorosidade interassistencial.

Outro. A amorosidade é o liame da união interassistencial com o outro. E o outro é quem ao meu lado está, são todos com quem se convive e interage, as consciências próximas ou distantes, as consciências dessomadas. É o princípio inteligente universal em evolução e a expressão irradiante da amorosidade interassistencial, o amor incondicional.

Paradoxo. Renunciar a si mesmo pelo autocentramento no outro, natural expressão amorosa interassistencial, é, paradoxalmente, alcançar o termo de nossa própria evolução. No acesso ao princípio ativo da evolução – da inteligência evolutiva –, renunciar a si mesmo é reconhecer “no que há de mais incomunicável” no outro “uma viva participação” (CHARDIN, 1962).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexões. O artigo procurou ordenar reflexões dos autores sobre a abnegação cosmoética na aceção da amorosidade interassistencial, sua aplicação na prática pedagógica e a autopesquisa dos impedimentos ao caráter abnegado pela expressão da amorosidade.

Doação. A compreensão da necessidade de renúncia de si mesmo com sua doação desinteressada é o núcleo ativo do caráter consciencial abnegado, da irradiação de amorosidade interassistencial e dos ganhos em experiências de serenidade.

Preparo. O desafio do preparo a este passo evolutivo reside, em qualquer situação de relações interassistenciais, em específico nas práticas pedagógicas, no autoexame e superação do orgulho e da irascibilidade (MONTESSORI, s. d.), desapego de si, da rigidez pensênica e da autossegregação.

Estágios. Naturalmente toda superação evolutiva supõe conquistas sucessivas. Mas o alinhamento aos propósitos e movimentos pró-evolutivos favorece a celebração da essência comum em todos os seres humanos e a ciência de que há um trabalho evolutivo a ser realizado.

Ser. Nessa jornada, todos têm sua singular participação e ganhos em lucidez e serenidade quando a abnegação cosmoética e a amorosidade interassistencial se tornarem o real estado de ser, o estado de autocentração no outro.

REFERÊNCIAS

1. Chardin, Pierre Teilhard de; *L'Energie Humaine*; Paris; Editions du Seuil; 1962.
2. Comenius, Johannes Amos; *Vybrané spisy Jana Amose Komenského*; Vol. IV, Seleção da *Consultatio Catholica (Pannuthesia)*; Praga; SPN; 1966; página 500.

3. **Jung, Carl**; *Contributions to Analytical Psychology*; pref. 1ª edição H.G and Cary F. Baynes; trad. H.G and Cary F. Baynes; 410 p.; 14 caps.; 13,97x21,59 cm; Routledge & Kegan Paul; Londres; 1928; página 361.
4. **Montessori, Maria**; *A criança*; 243p.; 3 partes; 24 cap.; Clube do Livro, s.d. (edição original, 1936).
5. **Rogick, Flávia**; *Consciência Centrada na Assistência: Breve Estudo Conscienciométrico da Consciência Vulgar ao Tenepessista Veterano*; pref. Djalma Fonseca; revisores; Djalma Fonseca; & Nina Manfroi; *et al.*; 300p.; 4 partes; 34 caps.; 5 anexos; endereços; epílogo; 55 enus.; 1 escala; 1 esquema; 1 ilus.; 25 siglas; 4 tabs.; 1 teste; epílogo; 60 refs.; alf; ono.; 23 x16 cm.; br.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2016.
6. **Röhrs, Hermann**; *Maria Montessori*; trad. Danilo Di Manno de Almeida e Maria Leila Alves; 142 p.; 4 partes; il.; Coleção Educadores; Fundação Joaquim Nabuco; *Massangana*; Recife-PE, 2010.
7. **Seno, Ana**; *Comunicação Evolutiva nas Interações Conscienciais*. pref. Málu Balona; 342p.; 4 seções; 2 apêndices; 12 tabelas; 7 figuras; 113 ref.; webgrafia; filmografia; glossário; índice remissivo; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013.
8. **Steiner, Rudolf**; *A Educação da Criança: Segundo a Ciência Espiritual*; trad. Rudolf Lanz; 14 p.; Alemanha; 1907; página 8.
9. **Vieira, Waldo**; *Autabnegação Cosmoética*; verbete; In: **Idem**; Org.; Enciclopédia da Conscienciologia; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; 23.178 p.; Vol. 4; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS) & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; páginas 2.213 a 2.216.

